

O IMIGRANTE JAPONÊS EM SÃO PAULO: NA HISTÓRIA E NA PINTURA DE TOMOO HANDA

Guilherme Nanini da Silva Oliveira¹

A obra *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, de Tomoo Handa (1987), foi publicada pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros (CENB). Esta obra é a referência utilizada nos estudos sobre a temática da imigração japonesa para o Brasil. Handa além de escrever sobre o imigrante japonês também o desenhou e pintou. Suas obras em número reduzido são preservadas pelo Museu da Imigração Japonesa, mas Handa também teve obras adquiridas por Mário de Andrade, hoje compondo o acervo de artes visuais do Instituto de Estudos Brasileiros da USP e tem obras pertencentes à Pinacoteca do Estado de São Paulo. O estudo proposto está em desenvolvimento e pretende abordar a forma como Handa representa o imigrante japonês, tanto pela linguagem gráfica quanto pela escrita.

Mesmo em seu livro o artista autor utilizou duas formas de representação, gráfica e escrita. Graficamente ele utilizou muitas fotografias e desenhos, nos focaremos nos últimos. Esta obra de cerca de oitocentas páginas se organiza em muitos capítulos e subcapítulos cujos títulos variam: nomes de fazendas, “O que era o imigrante? Os que ficaram à margem da modernização do Japão”, ou cenas do cotidiano – como: “Feitura do colchão”, “Bicho-de-pé”, “Sábado”, “O relacionamento humano nas fazendas”. Para melhor compreendermos as relações entre as representações gráficas e escritas na obra de Tomoo Handa vamos discutir alguns trechos de sua obra em contrapartida aos seus desenhos e pinturas.

Tomoo Handa inicia a obra pelo início oficial da imigração japonesa no Brasil em 1908 com a chegada do navio Kasato Maru, contudo, Segundo Handa, “(...) a formação da comunidade japonesa na cidade de São Paulo teve início antes mesmo da chegada dos emigrantes no Kasato Maru.”² Abaixo segue um trecho da narrativa do autor sobre a chegada dos imigrantes japoneses na primeira leva deste mesmo navio:

1 Possui mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná, com bolsa CAPES. Foi aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Concluiu a graduação em História pela Universidade Federal do Paraná.

2 HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, T. A. QUEIROZ, EDITOR, LTDA, 1987, p. 152.

Aperta o coração imaginar o estado de alma dos imigrantes que, depois de uma viagem de 12.000 milhas, tiveram que passar a noite ao largo do porto de Santos. No céu de junho, inverno no Estado de São Paulo, com toda certeza o Cruzeiro do Sul terá brilhado em todo o seu esplendor. Terá havido quem, a despeito do enjôo sentido durante toda a viagem, qual um ressuscitado erguesse a cabeça, animado com a notícia da entrada, no dia seguinte, no porto de Santos. Dentro da azáfama de quem cuidava de pôr ordem em seus pertences e daqueles que promoviam comemorações, notava-se entretanto um ar de tristeza a marcar os semblantes ante a iminência da despedida do navio.³

O trecho acima é redigido de forma a dramatizar o atracar do navio, Handa cria uma cena, a viagem, representada por sua distância, é caracterizada como uma grande espera que se prolonga por mais um dia. Imaginar o ânimo dos imigrantes aperta o coração do narrador. Nesta mesma cena o Cruzeiro do Sul brilha com todo o seu esplendor, os imigrantes arrumam suas malas e pertences comemorando, mas com pesar de deixar o navio que já havia se tornado uma espécie de casa. Descrevemos uma narrativa descritiva para tentar por em relevo as referências visuais e emocionais que caracterizam o texto. O trecho citado busca representar as emoções e experiências dos sujeitos que emigraram mas que foram imaginadas pelo autor. Abaixo podemos observar a imagem que abre o primeiro capítulo da obra:

Esta ilustração representa o embarque ou o desembarque dos primeiros imigrantes, alguns indícios nos apontam que é o embarque, visto que alguns sujeitos em terra acenam para os sujeitos embarcados. Parece haver mais felicidade dentro do que fora do navio e esta pode ser talvez compreendida pelo título do capítulo que se encontra logo abaixo. Os que foram ao Brasil, foram acreditando no enriquecimento e retorno rápido, os que ficaram no Japão manteriam seu status social e riqueza. A cena narrada e a cena desenhada foram construídas da mesma maneira, mantendo impressões, sentimentos da experiência dos imigrantes.

Em 1910 já havia uma concentração de japoneses no Bairro da Liberdade, na Rua Conde de Sarzedas⁴. É interessante notar, que os primeiros imigrantes japoneses residentes em São Paulo tinham uma forma peculiar de moradia. Segundo Handa:

3 Ibidem, p.3.

4 Ibidem, p. 154.

(...) entre os japoneses que passaram a viver em São Paulo, nem mesmo os casados podiam se dar ao luxo de montar um lar. Quando um casal alugava uma casa, era costume oferecerem-se pernoite e comida aos solteiros, mediante um pagamento módico. E, então, a casa acabava se transformando em um alojamento, mas só assim se conseguia pagar o aluguel. Por isso, na maioria das vezes, alugar uma casa acabava significando, na verdade, simplesmente alugar um quarto, mesmo que se tratasse de uma família. Além disso, se se quisesse um lugar barato e de fácil acesso, os porões eram as únicas opções. Se os imigrantes japoneses se concentraram na rua Conde, que é uma ladeira, é porque ela ficava bem próximo do centro e nela havia bons porões. Como em geral não havia portas em todos os cômodos dos porões, aqueles não podiam ser alugados em separado para diferentes famílias. Por isso, os porões eram alugados em nome de uma única família, que depois passava a dividi-los com amigos e conhecidos. Assim, quando se conseguia um “bom” porão, ele se via imediatamente ocupado por inúmeras pessoas.⁵

Nesta citação mais uma vez podemos apreender experiências de vida do primeiros nipo-brasileiros. A narrativa dramatiza a condição de vida dos primeiros imigrantes, através do sofrimento de se dividir a casa, que era na verdade o porão de uma casa, dividida entre várias famílias ou vários sujeitos sem vínculo familiar. Com a exceção do exercício imaginativo este trecho foi construído da mesma maneira que o anterior, há uma dramatização da condição dos imigrantes, carregada sofrimento para a comoção do leitor.

As figuras 2 à 6 foram retiradas do livro de Handa e retratam o cotidiano, trabalhadores, donas de casa e crianças na cidade ou no campo. Em um dia tranquilo uma mulher vai às compras com seu filho, homens carregam uma escada que pode servir a algum trabalho. Não há em nenhum dos desenhos do livro uma elaboração mais profunda das personagens, todas se caracterizam como tipos ideais que encarnam papéis comuns e cotidianos da sociedade imigrante na época.

As impressões apreendidas pelos sentidos e as formas de sociabilidade são ricamente descritas pelo autor. Os preços, as profissões, os sabores brasileiros e japoneses, as formas de sociabilidade, lazer, alimentação e moradia são enfatizadas pelo autor, que como pintor e desenhista retratava cenas quotidianas dos imigrantes sob um estilo próximo ao impressionista. A obra não é apenas cheia de desenhos do autor e fotografias sobre a imigração, mas é cheia de cenas quotidianas, muito próximas às pintadas por Tomoo Handa em seus quadros. As impressões causadas por sentidos, paisagens, cenas quotidianas e histórias de vida enriquecem a obra com material etnográfico. Como no trecho a seguir:

5 Ibidem, p. 158.

A rua Conde de Sarzedas era como se fosse um núcleo de colonização dentro da cidade de São Paulo: nele surgiu a Associação Japonesa, que mais tarde mudou seu nome para Associação dos Companheiros; surgiu também a escola primária e a associação que a incentivava, reunindo pessoas influentes que chegaram até a coletar fundos para as diversas atividades da comunidade. Por outro lado, as pessoas reuniam-se em eventos como casamentos para dançar e cantar no ritmo de sua terra natal. Também apareceram quitandas, casas de tófu e casas de manjü, satisfazendo tanto aqueles que gostavam de doces como os que preferiam os salgados. Para as pessoas do interior que vinham para a cidade a fim de fazer compras, não faltavam hospedarias que serviam comidas japonesas, médicos para doentes e atenciosos motoristas que as conduziam para onde quisessem ir. A rua Conde de Sarzedas era não só o centro dos japoneses residentes em São Paulo mas também o ponto de encontro daqueles que vinham do interior, constituindo-se num verdadeiro oásis.⁶

A Rua Conde de Sarzedas tornou-se um ponto de referência para os nipo-brasileiros, tanto da cidade de São Paulo, quanto do interior. Nesta rua e em suas cercanias havia pensões, hospedarias, restaurantes, lojas de produtos típicos e uma série de prestadores de serviço japoneses. Também havia ali um campo de beisebol, a partir de 1916, e um campo de tênis, a partir de 1925. Portanto, os nipo-brasileiros do interior em visita ou em mudança para São Paulo encontravam ali apoio para se relacionar com os brasileiros e para circular pela cidade. Eles também encontravam produtos e alimentação japoneses, o que, segundo Handa, fazia lembrar o Japão. Como um monumento japonês na cidade de São Paulo, a Rua Conde de Sarzedas e suas cercanias eram alicerces de memórias e uma sociabilidades japonesas. Essas memórias e sociabilidades embasavam a manutenção da identidade étnica japonesa, através do que se entendia como coisas do Japão no Brasil.

As pinturas, até onde se levantou, representam cenas quotidianas, paisagens e retratos. Excetuando-se os retratos, as paisagens e o quotidiano estão também presentes nas ilustrações que há no *O imigrante japonês*. Nas ilustrações do livro as linhas dão conta de toda representação, mas o que observamos é uma economia na caracterização das personagens e do mundo. Alguns detalhes embasam a representação como um todo e as linhas são até mesmo deixadas abertas, inacabadas. Estes detalhes inacabados em objetos não detalhados, ou mesmo em um mundo não detalhado marcar a forma como o autor artista percebe o mundo. É inegável que percebemos o mundo através dos sentidos e que assim o classificamos através de características sensíveis. Claude Lévi-Strauss

6 Ibidem, p. 176.

identifica na classificação de elementos sensíveis uma das formas primeiras e mais refinadas do pensamento humano, no livro *O pensamento selvagem*. Essa forma de pensar que ele denomina ciência do concreto foi desenvolvida no período neolítico e balizou grandes avanços científicos e técnicos. Ainda hoje mantemos diversas dessas ciências do concreto, contudo o que nos interessa aqui é pensar a organização da sociedade, cosmos e técnica (na sua concepção mais abrangente) a partir da classificação de fenômenos sensíveis, ou seja, dos sentidos. Segundo Lévi-Strauss:

Toda classificação é superior ao caos, e mesmo uma classificação no nível das propriedades sensíveis é uma etapa em direção a uma ordem racional. Se nos pedem para classificar uma coleção de frutas variadas em corpos relativamente mais pesados e relativamente mais leves, será legítimo começar separando as pêras das maçãs, ainda que a forma, a cor e o sabor não tenham relação com o peso e o volume; isso porque, entre as maçãs, é mais fácil distinguir as maiores das menores do que se as maçãs continuassem misturadas às frutas de aspecto diferente. Por este exemplo já se pode ver que, mesmo no plano da percepção estética, a classificação tem seu mérito.⁷

Longe de tentar representar o mundo através de uma imagem, um simulacro, Handa busca delinear o mundo através de características que possibilitam a distinção dos diferentes elementos representados. Nos desenhos, as linhas e os espaços vazios nos revelam o mundo, em linhas e detalhes utilizados com economia dispomos dos significantes para classificar os objetos, personagens e seres representados, mas segundo a forma que o artista vê o mundo. Nas pinturas dispomos das cores. As figuras humanas ainda são representadas por meio de linhas negras muito próximas às que o artista utiliza em seus desenhos, muitas vezes inacabadas ou integradas ao jogo de luz e sombra, como podemos observar principalmente na obra *Retrato de meu pai*. Por outro lado, a paisagem, que é uma representação da natureza é feita pelas cores, ressaltando a luz. Há certa linearidade na árvore no primeiro plano da *Paisagem da Vila Sônia*, mas que integra o sombreamento da mesma.

Esperamos nesse estudo ter delineado um princípio estilístico presente tanto na obra escrita quanto nas obras visuais deste artista autor. Seu livro constrói uma história não problemática acerca da imigração, busca delinear a contribuição do nipo-brasileiro na construção do Brasil. Ele busca trazer a tona é uma imagem positiva do imigrante que não aparece em situações degradantes e que encarna as qualidades que frequentemente são usadas para caracterizar o imigrante japonês ou o nipo-brasileiro como grupo étnico: trabalhador, honesto, honrado, perseverante, etc. Note-se que

7 LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 1989, p. 30.

o título da obra está no singular, ou seja, há um arquétipo de imigrante que é delineado pelo autor que esconde a pluralidade dos sujeitos por trás de um estereótipo. Em *O imigrante japonês* também não há conflitos intra ou interétnicos. Porém, se não há uma visão crítica sobre o processo de imigração, há uma riqueza considerável de material para estudo. Em sua obra visual observamos como as características sensíveis também correspondem ao delinear dos imigrantes, das pessoas, da natureza e do mundo.

BILBLIOGRAFIA

BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, p. 34.

BENEDICT, Ruth. O crisântemo e a espada. São Paulo: Perspectiva, 1997.

HANDA, Tomoo. O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, T. A. QUEIROZ, EDITOR, LTDA, 1987.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. Campinas: Papyrus, 1989.

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice Signos. São Paulo: Livraria Martins Fontes Ltda., 1991.

OLIVEIRA, Guilherme Nanini da Silva. “Ganha bonito, perde bonito”: honra e coporalidade no kendo paulistano. Curitiba: Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Paraná, 2013.



Imigrantes contratados: à procura da árvore do dinheiro

Figura 01.jpg --> HANDA, 1987, p 2.



A limpeza do terreno após a queimada.

Figura 03.jpg --> HANDA, 1987, p 262.



Nos núcleos, os colonos tiveram problemas relativos à posse de terras e foram molestados pelas autoridades policiais.

Figura 04.jpg --> HANDA, 1987, p. 270.



Na casa do imigrante, a influência japonesa, como a pia da cozinha.

Figura 05.jpg --> HANDA, 1987, p. 480.



Figura 06.jpg --> HANDA, 1987, p. 593.



*A evolução
para a pequena agricultura
independente*

Figura 07.jpg --> HANDA, 1987, p.
200.



Figura 08.jpg --> HANDA, Paisagem da Vila Sônia, 1947.

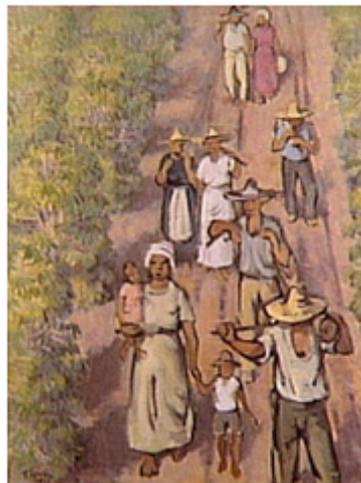


Figura 09.jpg --> HANDA. A colheita de café, sem data.

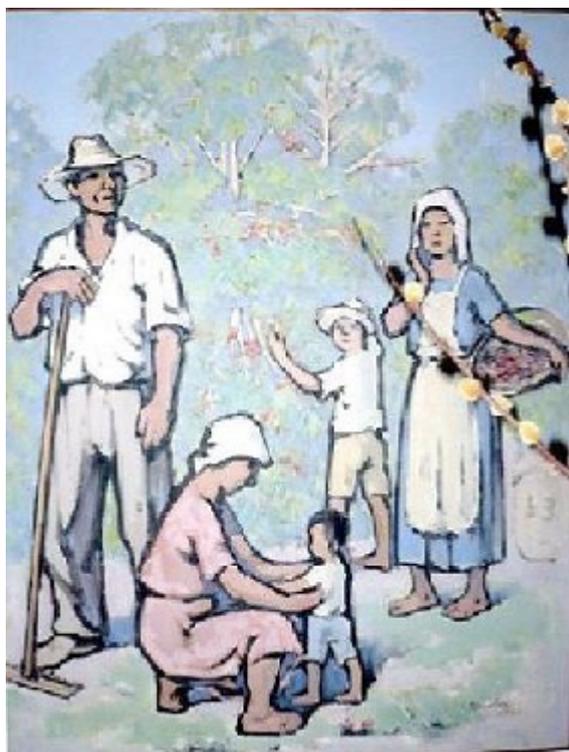


Figura 10.jpg --> Handa, Sem título, 1953.

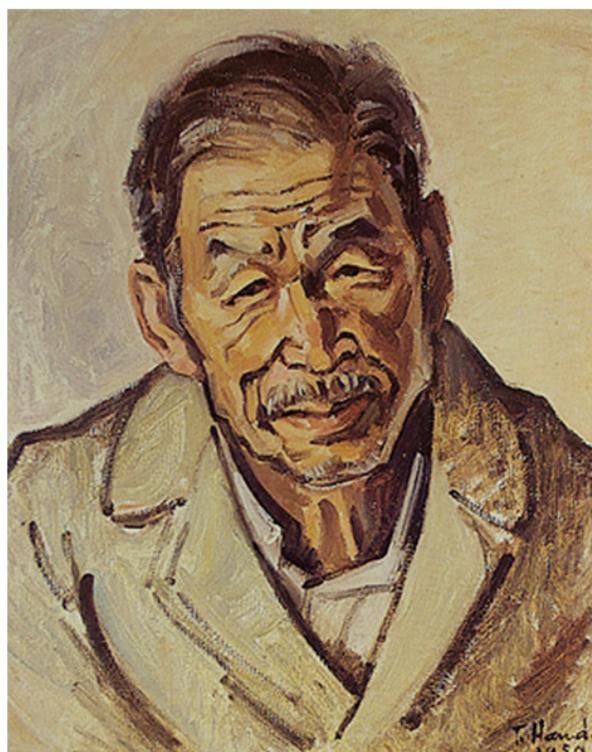


Figura 11.jpg --> Handa, Retrato de meu pai, 1950.